

o sacramento

- o sacramento da misericórdia •
- uma comunidade é cristã quando segue a Jesus de Nazaré •
- desejo de autêntica fraternidade e amizade •

da comunidade



Uma comunidade renasce em cada dia à mesa da vida, da partilha, da intimidade, do sentimento de nos sabermos unidos pelo desejo renovado de uma autêntica fraternidade e amizade.

A comunidade surge de um apelo vindo de diversas realidades existenciais, que nos é comunicada pelos que nos cercam, que se metaboliza e que discernimos no fundo de nós mesmos.

A comunidade convida-nos a orar com o coração cheio de misericórdia em que ecoam as súplicas, as alegrias, as lágrimas e as esperanças da humanidade, deste nosso mundo.

A comunidade é uma garantia da presença da Divindade, através do próximo que caminha a meu lado, seja em que circunstâncias for, que sei que nunca me faltará quando dele necessitar.

A verdadeira comunidade pratica o dom do perdão libertador, da avaliação fraterna cheia de compreensão, da autocrítica cheia de compaixão, e favorece o crescimento pessoal de todos os seus membros.

A comunidade contribui para que nos tornemos mais humanos (e, portanto, mais divinos), quando contemplamos todas as injustiças, desprezos, e abusos, e nos comprometamos no seu combate, pois não podemos continuar indiferentes, perante os atropelos cometidos contra os mais fracos.

A comunidade constitui um espaço para o encontro feliz entre os seus membros. Para o encontro com o outro que, na sua diferença, me enriquece, me ajuda a crescer e, carinhosamente, me convida a sair da minha comodidade.

A comunidade é o lugar onde se pratica o bem sem esperar recompensa, a doação desinteressada ao outro, como semente e sinal de uma nova sociedade, em que se dá testemunho de que o mais importante é o que se é e se oferece, e não aquilo que se possui.

A comunidade ajuda-nos a dar valor àquilo que verdadeiramente é o mais importante, o que é mais interessante e transcendente, o tesouro mais valioso, a felicidade de nos sentirmos unidos e partilhando tudo com todos.

A comunidade suaviza e torna mais leve a cruz de cada dia, aceitando o caráter próprio do outro, ajudando-o nas suas necessidades, praticando a humildade, deixando-nos guiar e transformar...

A comunidade é um dom e uma tarefa diária, que tem de ser regada, adubada e cuidada para que cresça, se fortaleça, frutifique e adquira, deste modo, a sua plenitude máxima.

A comunidade está sempre em dívida com as pessoas que a precederam e que nos deixaram o seu exemplo de vida; com outras realidades vividas em comum; com as várias experiências históricas que a ajudam a prosseguir a caminho do que ela é chamada a ser.

A comunidade é uma escola de mística, de espiritualidade encarnada, de transcendência, vislumbrando e intentando tornar realidade a utopia, esse outro mundo possível e necessário, que ainda não existe hoje em dia, mas que poderá vir a ser uma realidade com o nosso empenho, esforço, constância e esperança.

A comunidade ensina-nos a viver com a maior naturalidade, sem duplicidades nem fingimentos, com sinceridade e alegria, aceitando com humor as nossas próprias fraquezas, os nossos defeitos, e com paciência os nossos avanços e retrocessos. É o templo onde se celebra a vida com as suas alegrias, as suas esperanças e tristezas.

A comunidade ajuda-nos a viver tudo com simplicidade, partilhando o que se é e o que se tem, para que outros possam viver com dignidade, tendo as portas de casa e do coração sempre abertas.

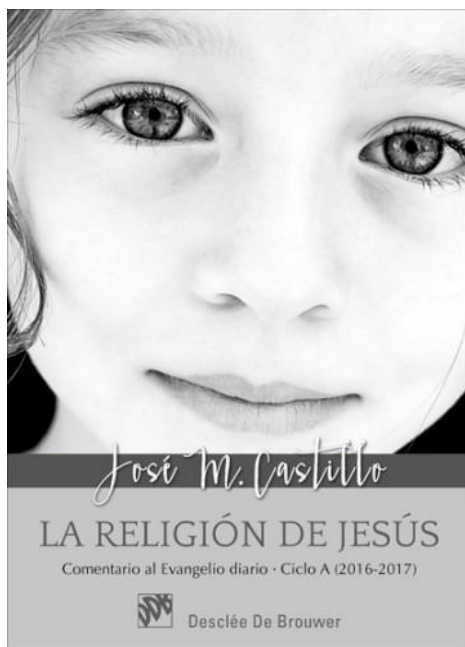
A comunidade é cristã quando segue a Jesus de Nazaré, procurando viver com os seus mesmos sentimentos, a fim de buscar, por si mesma, uma plena humanização e a união íntima com o Mistério da Divindade, o Amor que habita dentro de nós, em cada ser humano e em todo o universo. Jesus torna-se, assim, o modelo e paradigma de uma nova humanidade.

Numa comunidade cristã procura-se viver as bem aventuranças, a contracultura, a alternativa da boa nova de Jesus, na realidade concreta do nosso mundo. Por isso é que ela nunca poderá ser conservadora, mas antes aberta, libertadora, em contínuo progresso, renovada e comprometida com as fronteiras existenciais dos pobres e excluídos. Só assim poderá desfrutar da alegria, da paz e da felicidade verdadeiras.

A comunidade que se esforça e deseja viver de forma integral a sua fé e a sua vida, é um novo sacramento que “contém, torna visível e comunica outra realidade diferente dela, mas presente nela... uma fenda por onde penetra uma luz superior que ilumina as coisas e as torna transparentes e diáfanas”.

MIGUEL ÁNGEL MESA BOUZAS. Leigo espanhol.

<http://blogs.periodistadigital.com/otro-mundo-es-posible.php/2016/09/29/el-sacramento-de-la-comunidad>



a religião de Jesus

Comentário ao Evangelho de cada dia – Ciclo A (2016-2017)

S E ALGUÉM DEDICAR UNS MINUTOS QUE seja a refletir como é que este livro explica o Evangelho de cada dia, será com certeza confrontado com esta questão: Que significado tem e que lugar ocupa em mim a vida de Jesus de Nazaré? E também, talvez, com uma outra questão que deriva da anterior: Que importância tem Jesus, e até que ponto está ele presente na sociedade e na Igreja? Não se trata da importância e da presença de Cristo. Nem do Senhor.

Estamos a falar de Jesus, aquele humilde camponês que percorria as aldeias e povoações da Galileia, há quase dois mil anos.

Jesus é um nome que muita gente religiosa se não atreve a pronunciar. E por que razão? Discute-se se os primeiros cristãos terão prestado culto a Jesus como a um Deus. São Paulo afirma que “Jesus é o Senhor” (Rm 10, 9) e é verdade. Mas o que se não discute é que Deus, que nunca ninguém viu (Jn 1, 18), se tornou visível em Jesus. Que se passa, então, com Jesus? Há muita gente a quem, por qualquer razão desconhecida, Jesus mete medo, e que não tem consciência disso. É talvez por isso que recorremos à escapatória que a religião nos oferece, e arrumamos Jesus na categoria do “sagrado”, do “divino”, do “eterno”... Desta forma disfarçamos, em boa consciência, o nosso inconfessável receio de vivermos felizes a nossa própria humanidade. Para muitos é mais vantajoso recorrerem ao “divino” do que tentarem ser verdadeiramente “humanos”. O que este livro pretende é descobrir e viver o “divino” no “humano”. Encontrar a Deus em Jesus.

José María Castillo

Que se passa, então, com Jesus? Há muita gente a quem, por qualquer razão desconhecida, Jesus mete medo, e que não tem consciência disso. É talvez por isso que recorremos à escapatória que a religião nos oferece, e arrumamos Jesus na categoria do “sagrado”, do “divino”, do “eterno”...

o Deus de Jesus e o Deus de Paulo

Segundo o Deus em que cada um crê, assim será a sua vida. **Quem assenta a sua fé no dinheiro, por exemplo, é, com certeza, alguém cuja vida é orientada pela cobiça.** E o mais provável é que uma pessoa assim, acabe por se transformar num corrupto ou num ladrão. Um indivíduo destes, embora se afirme ateu, não o é, verdadeiramente. Porque Deus é a realidade última que dá sentido à nossa vida. Uma realidade que os seus “crentes” estão dispostos a servir. É por isso que o Evangelho diz que o inimigo de Deus é o dinheiro: “Não podeis servir a Deus e ao dinheiro” (Mt 6, 24; Lc 16, 13), o “mamon”, personificado como um poder, sempre em conflito com o que Deus exige e a honradez nos impõe (H. Balz).

Dito isto, ao falarmos de Deus, da forma como toda a gente entende a palavra “Deus”, é importante sabermos que, nas origens do cristianismo, esta palavra nem sempre manteve o mesmo significado. Concretamente, **o Deus que se nos revela em Jesus, não é igual ao Deus de que nos fala Paulo de Tarso.** O que acarreta importantes consequências, como adiante referirei. Quanto ao Deus de Paulo, a experiência por ele vivida a caminho de Damasco, não foi uma “conversão” (“metanoia”), no sentido próprio



da palavra. Antes de mais nada, porque Paulo não aplica, ao falar de si mesmo, o vocabulário específico da conversão, nas repetidas referências que nos deixou (Gl 1, 11-16; 1 Cor 9, 1; 15, 8; 2 Cor 4, 6), das quais Lucas, nos Atos do Apóstolos, nos oferece três descrições pormenorizadas (9, 1-19; 22, 3-21; 26, 9-18). **Paulo, depois da experiência vivida no caminho de Damasco, continuou a acreditar no mesmo Deus em que sempre tinha acreditado, “o Deus dos nossos Pais”** (At 22, 14), e a viver a religião em que tinha sido educado (S. Légasse). Por isso, quando Paulo fala de Deus, refere-se ao Deus de Abraão, e às promessas feitas a Abraão (Gal 3, 16-21; Rm 4, 2-20) (U. Schnelle). Ora, nós sabemos que o Deus de Abraão, é o Deus que lhe pediu que matasse e oferecesse, em “sacrifício” religioso, o seu filho querido (Gn 22, 1-2). É, pois, um Deus que, para perdoar, necessita de sofrimento, sangue e morte, de acordo com a surpreendente afirmação da carta aos Hebreus: “sem efusão de sangue, não há perdão” (Heb 9, 22).

Em contraste com o Deus de Paulo, surge-nos o Deus de que nos fala, constantemente, Jesus, e que se nos dá a conhecer na sua vida e nos seus ensinamentos. Trata-se dum **Deus que Jesus apresenta como Pai**. Mas não de acordo com o modelo do “paterfamilias”, o patrão e dono do grupo familiar, que se definia a partir do “poder”. Não. Jesus fala, sempre, do Pai, numa perspectiva de “amor”, bondade e misericórdia. É o que sucede, na parábola do filho extraviado (Lc 15, 11-32), que o pai perdoa e acolhe, e para quem organiza uma festa, sem lhe pedir contas ou explicações, nem justificação alguma. É um Pai “que faz brilhar o sol sobre bons e maus, e cair a chuva sobre justos e pecadores” (Mt 5,45). E, sobretudo, é um Pai que se nos deu a conhecer em Jesus (Jo 1, 18), de modo que quem via Jesus, por isso mesmo e só por isso, via o Pai (Jo 14, 9). Um Pai de misericórdia, que acolhe os pecadores e convive com eles (Lc 15, 1-2; Mc 2, 15-17; Mt 9, 10-13; Lc 5, 29-32). Um Pai que, **na vida e conduta de Jesus**, deixou bem patente que as suas **três grandes preocupações** foram: **o sofrimento dos doentes, a miséria dos pobres e a melhoria das relações pessoais entre os seres humanos**.

A consequência de tudo o que acaba de ser dito, facilmente se compreende. Comecei por dizer que, **segundo o Deus em que cada um crê, assim será a sua vida**. À primeira vista, parece que o Deus mais duro e exigente é o Deus de Paulo. Mas, de facto, não é assim. **O Deus de Paulo exige sacrifício e culto. A nós, agora, já não nos pede isso**. Pede-nos que repitamos o “sacrifício ritual”, que torna presente e atualiza o sacrifício de Cristo na cruz. É por isso que vamos à missa. E se não podemos ir, então, pagamos missas. Porque é importante ficarmos de consciência tranquila, em paz, e sentirmo-nos perdoados. O Deus de Jesus, tal como se nos revelou na vida, nos ensinamentos e na conduta de Jesus, não exigiu rituais de culto no templo. Pediu foi que respeitássemos a todos, que perdoássemos a todos, que amássemos sempre a todos, que fôssemos sempre bons, e que nos sentíssemos livres para trabalhar, a fundo, por uma vida e uma sociedade mais igualitária, mais justa, mais feliz, sobretudo para os que mais sofrem.

Assim sendo, é bem claro que o Deus que, verdadeiramente, nos mete medo, aquele a que oferecemos maior resistência, não é o de Paulo, mas o de Jesus. De facto, **na Igreja, na teologia, sempre esteve (e continua a estar) mais presente o Deus de Paulo, do que o de Jesus**. Não sucederá isto por, com o Deus de Paulo, nos ser possível manter as solenes instituições clericais, enquanto que o Deus de Jesus, tomado a sério, nos obriga a modificar realidades e condutas, que não estamos muito dispostos a alterar?

José Maria Castillo

<http://blogs.periodistadigital.com/teologia-sin-censura.php/2016/04/04/el-dios-de-jesus-y-el-dios-de-pablo>